

ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA: PRINCÍPIOS DO LETRAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO



LUCIANA CHIARELLI NALE DA SILVA

Graduação em Matemática pela Faculdade UNINOVE (2001); Graduação em Pedagogia pela Faculdade UNINOVE (2014); Pós-graduação em Pedagogia Hospitalar (2023) Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na EMEF Maria Helena de Faria Lima.

RESUMO

Compreender o processo de alfabetização, leitura e letramento como etapa possível desde a educação básica nos permite conceber sua importância e a necessidade para a formação de alunos leitores e capazes, principalmente, de compreender a sociedade em que estão inseridos, pois ler é muito mais que decodificar os signos de linguagem, mas sim ser capaz de transformar a si mesmo e ao meio em que se está inserido. A leitura é trabalhada à partir da exploração das diferentes formas de acesso que possibilitem ao aluno o contato com o mundo letrado, como os cantinhos de leitura nas salas de aula, voltados a estimular os alunos e dar início, de maneira natural, aos processos de aprendizagem, ao desenvolvimento da alfabetização, dos processos de leitura e letramento, entendendo a capacidade da criança em tomar para a si o significado do texto e de se reconhecer nele, descobrindo assim seu papel na sociedade e no mundo. Ou por meio das diferentes ferramentas facilitadoras, como a música, as artes, a poesia, entre outros, como forma de estimular e compreender que o processo de leitura vai além da decodificação dos símbolos linguísticos, mas sim, permitir ao indivíduo interpretar o texto, compreender seu significado e transformar sua própria história através das diferentes narrativas linguísticas que lhes permite compreender-se como protagonista de sua transformação social por meio do poder da 'palavra'.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Oralidade; Letramento; Autonomia social.

INTRODUÇÃO

A linguagem enquanto forma de comunicação e expressão foi construída e modificada à medida que o homem se desenvolveu e aprendeu a transformar sua realidade e o modo como se rela-

cional socialmente, apropriando-se das experiências e vivências cotidianas. À medida que o mundo e o modo de vida da sociedade foi sendo modificada pelas descobertas e invenções do homem, também se modificavam a forma como se comunicavam e expressavam suas ideias, sentimentos, desejos, vontades, medos e angústias. E com o desenvolvimento do homem e as transformações decorrentes de sua evolução, a linguagem e a escrita passaram a representar uma das maiores formas de comunicação.

As transformações tecnológicas trouxeram ainda mais importância para a forma como o sujeito se comunica, ressaltando ainda mais a importância e necessidade do domínio da leitura, escrita e letramento enquanto ferramenta de desenvolvimento e equidade social. Porém, da mesma forma que a tecnologia aproxima as diferentes formas de linguagem e comunicação do homem, também o afasta do conceito de leitura e letramento, com ferramentas mais atrativas que o livro. Assim, ao invés de ampliar seu desenvolvimento cultural, percebemos que uma grande parcela da população tem demonstrado crescente empobrecimento linguístico, seja da norma culta como a própria linguagem coloquial, fato percebido na dificuldade em interpretar um texto ou mesmo em reconhecer o significado de determinadas palavras. E foi justamente essa observação que motivou esse trabalho, buscando aprofundar as reflexões e o impacto desse processo para oralidade, escrita e letramento desse sujeito que, apesar de todo acesso e facilidade, não consegue se comunicar de modo claro ou mesmo fazer a leitura de mundo, nessa sociedade conectada e globalizada.

Os graves problemas sociais e a desigualdade crescente em diferentes áreas da sociedade contemporânea, como saúde, educação, segurança, moradia, qualidade de vida, segurança alimentar, entre outras, são aspectos relevantes de denotam a necessidade de buscarmos melhores condições de vida e equidade social. Como bem sabemos, a educação é o caminho mais promissor para incentivar as mudanças e promover igualdade de oportunidades. Para isso, precisamos formar cidadãos capazes de compreender seu papel social e como exercer sua cidadania plena, buscando minimizar as desigualdades e melhorar suas oportunidades. Buscamos, assim, por meio de revisão bibliográfica de caráter qualitativo, apresentar reflexões que permitam compreender a educação e a importância da capacidade de oralidade e letramento para a formação de uma sociedade mais equânime.

ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E LETRAMENTO ENQUANTO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A constante preocupação com o analfabetismo e a necessidade de transformar o homem em um ser letrado vai além da simples necessidade de torná-lo capaz para o mercado de trabalho ou para sua autonomia pessoal, mas especialmente em possibilitar que ele consiga compreender-se enquanto ser social de direitos, capaz de transformar a si mesmo, à comunidade em que está inserido e a própria sociedade de modo geral.

Porém, muitas pessoas não dominam o conhecimento sobre a linguagem ou demonstram dificuldade para se comunicar mesmo que através da linguagem coloquial, acabando por permanecer à margem de todo o progresso e transformação que o desenvolvimento cognitivo e a cultura

podem oportunizar para o sujeito, pois as pessoas com nível de letramento restrito, em geral se sente discriminadas e estigmatizadas devido a seu vocabulário peculiar, falta de domínio sobre a escrita e pela decorrente incapacidade de compreender a sociedade através da leitura social que podemos fazer à partir da informação, da comunicação e da linguagem.

Como destacado por Saussure (2003), a língua é parte essencial da sociedade, representada pela forma como o sujeito se comunica e se expressa. Podemos então dizer que a escrita e a oralidade significam antes de tudo, o meio intermediário pelos quais duas consciências se comunicam. Assim, não basta priorizar a alfabetização enquanto aquisição dos signos da linguagem, pois isso apenas permite ao sujeito apropriar-se de letras, sílabas e palavras, que sem significado reflexivo, tornam-se apenas frases desconexas. Portanto, um dos maiores desafios no processo de alfabetização e elemento de preocupação e dificuldade nessa etapa da aprendizagem é justamente estabelecer significado entre o que será ensinado e o que o aluno traz consigo de bagagem cultural, adquirida em seu cotidiano e que compõe sua educação informal, transformando o que se lê em muito mais que palavras soltas numa folha de papel. (Teberosky & Cardoso, 1995)

Para as autoras, é preciso criar laços com o que se aprende, permitindo que o aluno se sinta desafiado a refletir sua própria identidade e cultura a partir da leitura, sendo assim capaz de relacionar as palavras a um sentido maior ao ler, pois “ler é passar a limpo as suspeitas levantadas no primeiro encontro” (Teberosky & Cardoso, 1995, p.25”).

Sob essa perspectiva, é necessário repensar a alfabetização, buscando respostas para uma das maiores dificuldades que se enfrenta atualmente na educação nacional, pois mesmo quando não se percebe grandes dificuldades na aquisição da escrita e leitura, ainda assim ao ser confrontado sobre o que o texto traz como reflexão, em sua interpretação e entendimento do que lhes foi apresentado, seja em textos literários, em filmes, numa letra de música, percebe-se muita dificuldade em descrever esse contexto em palavras. E é justamente esse processo de releitura que estimula o letramento! Diante deste contexto, a concepção de letramento amplia ainda mais a importância da alfabetização para a vida de um indivíduo, como destacado por Silva (1988), ao dizer que não basta que um indivíduo aprenda a ler e escrever, mas sim que ele consiga incorporar este aprendizado em seu cotidiano.

É preciso repensar a educação a partir da necessidade em formarmos sujeitos protagonistas e capazes de compreender seu papel social dentro do meio em que está inserido, identificando as oportunidades e as desigualdades a ele impostas pela falta de oportunidades. Porém, mais que isso, não basta apenas reconhecer a desigualdade, mas identificar meios de modificar essa realidade. Para isso, o sujeito precisa ser capaz de fazer a leitura crítica do que o cerca, da sociedade em que transita e de como essa realidade impacta em sua vida e no meio em que está inserido. O pensamento reflexivo é essencial para compreender a leitura de mundo e a partir do reconhecimento de sua identidade social, buscar formas de transformar essa realidade em seu benefício.

ENTRE A ORALIDADE, A ESCRITA, A GRAMÁTICA E O LETRAMENTO

A aquisição da capacidade de escrita e letramento (alfabetização e leitura) é algo que gera grande expectativa não apenas para o próprio aluno e sua família, mas para a sociedade de modo geral, como concepção da capacidade de desenvolvimento cognitivo, social e emocional de um indivíduo. Deste modo, o período de alfabetização vem acompanhado de grande carga de ansiedade para que o indivíduo seja capaz de escrever seu nome, ler textos de diferentes narrativas, ter autonomia para realizar diferentes atividades que exigem domínio dos signos linguísticos, entre outros.

Sob essa ótica, o desenvolvimento da alfabetização parece apresentar respostas para uma das maiores dificuldades que se enfrenta atualmente nas escolas de modo geral, pois os alunos não apenas demonstram dificuldades na escrita e leitura, como principalmente na interpretação e entendimento do que lhes é apresentado, tanto em textos como em imagens, pois, uma vez que o aluno não teve esta vivência, este estímulo, ele nem mesmo consegue entender o que lhe “diz” um filme, um texto, um poema, uma obra de arte ou gravura. Diante deste contexto, a concepção de letramento amplia ainda mais a importância da alfabetização para a vida de um indivíduo, como destacado por Soares (2003), ao dizer que não basta que um indivíduo aprenda a ler e escrever, mas sim que ele consiga incorporar este aprendizado em seu cotidiano.

O conceito de letramento traz novo olhar e importância aos processos de aquisição da alfabetização e das capacidades de escrita e leitura, pois rechaça o conceito de que a interpretação de textos, a leitura de mundo, deveria vir após anos de experiência na escola e, principalmente após o domínio pleno dos códigos formais de linguagem. Entende-se que a capacidade de letramento deve estar associada ao processo de alfabetização, de modo a possibilitar o domínio textual já desde os primeiros processos. Tal proposta tem amparo na necessidade de modificar o cenário de décadas de formação de analfabetos funcionais, ignorantes de seus direitos e da compreensão deste mundo globalizado e tecnológico que lhes apresenta exigências e capacidades que eles acreditam não terem condições de cumprir ou adquirirem.

Pode ser uma aprendizagem de natureza perceptual e motora ou de natureza conceitual. O ensino, no primeiro caso, pode estar baseado no reconhecimento e na cópia de letras, sílabas e palavras. No segundo, no planejamento intencional de práticas sociais mediadas pela escrita, para que as crianças delas participem e recebam informações contextualizadas (Scarpa, 2006, p.1)

Alfabetizar vai muito além de ensinar a composição silábica e o reconhecimento dos signos de leitura, ultrapassa a decifração de palavras e frases isoladas, pois isso leva o sujeito ao analfabetismo funcional, quando o indivíduo [...] “muitas vezes, tem a impressão de compreender isoladamente cada uma das palavras e mesmo todas as frases do texto, mas não percebe o sentido global” (Favero, 1992, p.225). Seu objetivo maior é possibilitar ao indivíduo o conhecimento de mundo e de si mesmo, da capacidade de transformar-se e transformar o mundo ao seu redor, da capacidade de interpretar e compreender o que acontece ao seu redor e de reconhecer sua capacidade de inferir na realidade, modificando-a e transformando a sociedade em que está inserido.

Podemos afirmar que o sentido do texto se constitui através da interação entre os diferentes interlocutores, envolvendo a imagem que estes fazem uns dos outros e dos personagens, possibili-

tando o reconhecimento de si mesmo no contexto lido ou, mesmo, reconhecendo-se nos personagens apresentados, o que implica na capacidade de interpretar a realidade lida com a vivenciada, sendo este um dos objetivos da leitura, como uma proposta de reflexão e interpretação do que se lê com o que somos. Desse modo, o que deve ser realçado é o processo de construção de sentido do texto, numa tarefa coletiva entre professor e alunos (Martins, 1988).

Quando o leitor encontra no texto as “respostas” aos questionamentos que a leitura suscita, torna-se compreensiva, correspondendo, assim, à função que se pretende no processo de aprendizagem. Como cita Kato, (1985), o ato de ler é visual, visa a um objetivo, é seletivo e baseia-se na compreensão. Neste sentido, o papel do professor é de extrema importância pois é o fornecedor de condições para que se estabeleça a interlocução. Portanto, ensinar a ler assemelha-se a ensinar a decodificar o texto, nos modelos centrados no leitor. Sabe-se que ler significa compreender e para compreender o texto é preciso saber manejar com desenvoltura o código em que está escrito, ainda que ninguém assimile sem muita leitura e mais compreensão.

DA CAPACIDADE DE LER AO LETRAMENTO: O SER SOCIAL

O processo de alfabetização e ensino da leitura é apresentado como condição essencial da capacidade cognitiva do sujeito, estando intimamente relacionado aos baixos índices de aproveitamento escolar e desigualdade social, pois a limitação entre a capacidade e domínio de escrita e interpretação textual são fatores determinantes para a leitura crítica e social do mundo. Como destacado por Kleiman:

[...] “a leitura caracteriza-se por um processo não-linear, dinâmico na interpretação de vários componentes utilizados para o acesso ao sentido, e é uma atividade essencialmente preditiva de formulação de hipóteses, para a qual o leitor precisa utilizar seu conhecimento linguístico, conceitual e sua experiência”. (2004, p.30).

O conhecimento faz parte da vida de qualquer ser humano desde seu nascimento, sendo passado de pai para filho, de acordo com seus hábitos, costumes e valores culturais, influenciados pela sociedade e pela comunidade em que vive. Um indivíduo tem conhecimento e cultura, mesmo antes de ser ‘letrado’, e é capaz de compreender seu papel social, porém as diferenças entre o sujeito alfabetizado e o analfabeto funcional são justamente as oportunidades que ambos têm em transformar sua realidade e o meio em que transita. Nesse sentido, Almeida & Correia (1995) ressaltam justamente as diferenças a partir do ingresso do sujeito na escola e de sua aquisição oral e escrita, enquanto ferramenta de transformação social e capacidade de autonomia.

Muito embora nas últimas décadas a educação e a matrícula escolar estejam mais acessíveis à toda população, mesmo nas mais distantes localidades do país, não podemos dizer que todo aluno tenha alcançado a capacidade de letramento. Uma vez que a educação centrou esforços para que todo cidadão pudesse ser tirado da capacidade de analfabetismo, sendo capacitado para escrever seu próprio nome, realizar cálculos simples e conquistar relativa autonomia como ter seus documentos e ser capaz de identificar textos de diferentes narrativas, ter autonomia para oralidade e letramento vão além dessas capacidades, [...] “isso significa que nem sempre acesso à escola representa acesso ao saber”. (Libâneo, 1991, p.35).

É preciso compreender que o processo de alfabetização, buscando certa ‘uniformidade cultural’ entre os diferentes sujeitos não garante que a aquisição de escrita, oralidade e letramento permita uma educação de qualidade para todos, como ressalta Colleto (2004, p.54), [...] “quando as diferenças individuais passam a ser compreendidas como diferenças de oportunidades ou de cultura, somos obrigados a encarar sob uma nova ótica, a ação pedagógica que prepara a criança para ler e escrever”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de alfabetização e leitura concebida a partir da capacidade de ler e escrever, apenas, centradas em atividades a serem ensinadas na escola por meio de textos didaticamente elaboradas, desconsiderando a diversidade e a cultura do sujeito, está fundamentada em modelos definidos sobre como processar as informações, que trazem aspectos cognitivos da leitura relacionados entre o texto enquanto objeto de linguagem, linguagem escrita e compreensão gramatical. Neste contexto, podemos destacar que as dificuldades que os alunos apresentam no processo de interpretação textual se justifica na própria incapacidade de compreensão dele, de formalizar o raciocínio entre o escrito e seu significado. Isso é decorrente de práticas pedagógicas que potencializam o uso do texto didático para fundamentar os processos de alfabetização e aprendizagem, sem dar margem à criação e exploração do texto por parte do aluno. a contextualização da leitura conduz à reflexão de questões de poder, das relações sociais, das formações ideológicas, o que possibilita uma produção de sentidos relacionados entre si e não um sentido único como produto, mas uma múltipla significação. É dessa forma que o texto didático deveria ser apresentado, de modo a instigar a reflexão ou como ferramenta de revisão de estudo ao aluno, instigando a busca por mais informação, complementando o tema com novos materiais textuais e suprimindo o material pronto e acabado.

As práticas de escrita e leitura, a partir de diferentes elementos, ferramentas e propostas, permite contextualizar a leitura dentro da diversidade e a partir de questões de poder, das relações sociais, das formações ideológicas e da própria realidade do aluno, o que possibilita uma produção de sentidos relacionados entre si e não um sentido único como produto, mas uma múltipla significação. É dessa forma que o texto didático deveria ser apresentado, de modo a instigar a reflexão ou como ferramenta de revisão de estudo ao aluno, instigando a busca por mais informação, complementando o tema com novos materiais textuais e suprimindo o material pronto e acabado.

A escola, enquanto espaço de trocas e interação, deve possibilitar aos alunos, desde a educação básica ao ensino superior, diferentes oportunidades de apropriação de conhecimento e aprimoramento das diferentes formas de aprendizagens. O processo de aquisição de escrita, leitura e letramento deve ser construído a partir das diversas formas e ferramentas didáticas e linguísticas que permitam ao aluno construir sua aprendizagem a partir da associação de sua própria cultura com o conhecimento curricular proposto e sugerido pelas diretrizes curriculares.

Nesse sentido, cabe à escola encaminhar tais saberes linguísticos, correlacionando a leitura e o exercício de cidadania, permitindo que, mais que ser capaz de ler textos, o aluno seja capaz de compreender sua mensagem, associando-a a sua realidade e transformando-a de acordo com

sua necessidade e da comunidade em que está inserido primeiro passo na formação de um indivíduo ciente de seu papel como cidadão, crítico e atuante. É importante considerar que a leitura nos permite explorar mundos diferentes dos nossos reais ou imaginários, que nos aproxima de outras pessoas, que converte em exploradores de um mundo que construímos em nossa imaginação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M.; CORREA, J.; **Aprendendo a ler e a escrever na palavra dos aprendizes**. Resumos de Comunicações Científicas, XXV Reunião Anual de Psicologia (p.511). Ribeirão Preto: SBP., 1995.

BRASIL.; Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

COLELLO, S. M. G.; **A Pedagogia da Exclusão no Ensino da Língua Escrita**. Campinas: Editora ALB, 2003.

FÁVERO, L. L.; **Coesão e coerência no texto falado**. In: **XXIX Anais de seminários do GEL**. Jaú: 1992.

KATO, M.; **O aprendizado de leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LIBÂNEO, J. C.; **A democratização da escola pública**. São Paulo, Edições Loyola, 1990, 6ª edição.

MARTINS, M. H.; **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORLANDI, E. P.; **Discurso e leitura**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SAUSSURE, F. de.; **Curso de linguística geral**. Trad de A. Chelini , José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 2003.

SCARPA, R.; **Alfabetizar na Educação Infantil. Pode?** Revista Nova Escola. Ed. 189. Fev. 2006. Disponível em: <https://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/alfabetizar-educacao-infantil-pode-422868.shtml> Acesso 8.abril.2024.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - CENP.; **Proposta curricular para o Ensino de Língua Portuguesa**. Ensino Fundamental. 3. ed. São Paulo: SE (CENP, 1998, p.14-15).

SILVA, M. A. S. S.; **Construindo a leitura e a escrita**. São Paulo: Ática, 1988.

SMITH, F.; **Leitura significativa**. 3.ed. Porto Alegre, 1999.

SOARES, M.; **Letramento e alfabetização: As muitas facetas**. Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Anual do ANPED, Minas Gerais, 2003

TEBEROSKY, A.; CARDOSO, B.; **Reflexões sobre o Ensino da leitura e da escrita**. Campinas: Unicamp, 1995.